

**IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL
DE LITERATURA E INFORMÁTICA**

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.**

**A GRANDEZA DE SE MULTIPLICAR: __ MUITO
PRAZER: SOU A LEITURA!**

FÁTIMA CRISTINA DOS PASSOS CUNERT¹ (UPF)

O sujeito **leitor**, surgiu como uma caminhada histórica, na Europa, em meados do século XVIII, momento de um rico incremento independente, indissociável, libertador, como LAJOLO & ZILBERMAN (1996, p. 14) descrevem: “Nessa época, a impressão de obras escritas deixou de ser um trabalho quase artesanal, exercido por hábeis tipógrafos e gerenciado pelo estado, que, por meio de alvarás e decretos, facultava, ou não, o aparecimento dos livros”.

Discute-se que a existência de leitores é fato, em todas as sociedades em que a escrita se materializou como código, desde a época dos gregos, e os leitores, a partir de uma caminhada histórica; conseqüentemente, a leitura alcançou o seu espaço como **técnica coletiva**, em **sociedades burguesas**, como resultado de uma **economia capitalista**.

Com o pensamento de que **o leitor é um caçador que percorre terras alheias**, o pesquisador Roger Chartier (2009) justifica que o texto perde o sentido que o autor lhe atribui, no momento em que há uma leitura, ou seja, um leitor. Possui liberdade, desata caminhos impostos, mas não é a detentora absoluta, pois está envolta por práticas de leituras diversas e pessoais, dependendo da caminhada de leitura de cada ser. Compreende que:

¹ Graduada em Letras – Português e respectivas Literaturas - UPF. Especialista em Linguística Aplicada à Língua Estrangeira - UPF. Especialista em Português: Novos Horizontes de Estudo e Ensino - UPF. Especialista em Gestão Administrativa Escolar - UPF. Mestranda em Letras – Linha de Pesquisa: Leitura e Formação do Leitor – Universidade de Passo Fundo - UPF. Brasil.
E-mail: cunert@terra.com.br

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Os gestos mudam segundo os tempos, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação ente o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão. (CHARTIER, 2009, p. 77)

Uma prática nata de cada ser humano, a caminhada da leitura **não é somente uma intervenção intelectual, mas como uma escritura enraizada num ambiente humano** (CHARTIER, 2009), relação consigo mesmo e com os outros, **que pode ser trazida para fins objetivos**, e não somente como mera obtenção de informações; ou seja: **adquirir, associar ou resgatar sentidos e significados.**

O enlaço de **ler** é, desenvolver-se e manter-se funcional e criticamente no âmago da comunicação humana; uma forma de participação possível entre os seres humanos racionais, dividindo experiências em um mundo cultural; uma configuração de união entre o homem e o fato sócio cultural, inserido no processo histórico que vivencia, com intencionalidade, refletindo o seu próprio 'eu'.

Interpretar que há um espaço da leitura, e este, torna-se um processo que se modifica e multiplica ao prolixo da história, mas que, ao mesmo tempo, parece ter ares de resistência, e alcançar um recinto elevado de permanência e relutância, é o ponto máximo para a realização suprema.

A leitura é uma **interação** entre sujeitos, e assim, as experiências e conhecimentos do leitor em formação devem ser levadas em consideração, pois necessita expor mais do que o conhecimento do código linguístico, o qual é indispensável, nominada de **competência linguística**, para decodificar o que está sendo lido.

1. LEITURA: ORIGEM – ESTRUTURA – FORMAÇÃO DE SENTIDOS

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

O vocábulo **Leitura** origina-se do Latim *lectura*: a ação de se ler algo; um hábito; um processo de apreensão e compreensão de algum tipo de informação, armazenada num suporte, e transmitida mediante determinados códigos, como a linguagem.

Enfatiza-se como uma atividade de sedução das ideias do autor, que depende também, das experiências e conhecimentos do leitor; legou-se uma atividade extremamente notável, recebendo múltiplas finalidades; uma parte fundamental no processo educacional, procedendo na construção do indivíduo, como altamente complexa de produção de sentidos.

A ação de **ler** não é um processo passivo: “De posse das pistas fornecidas pela obra e apoiado em sua experiência, o sujeito arranja os dados, completa espaços em branco e constrói totalidades de sentido. Não há, portanto, literatura sem leitor e o texto nunca é o mesmo, porque provoca de modo diferente cada leitor” (AGUIAR, 2006, p. 242).

Cabe a ele - um construtor de sentido, sujeito ativo no processo, e não apenas um receptor passivo - efetivar um labor funcional de compreensão e interpretação, a partir de seus próprios objetivos, dos processos de seleção, antecipação, inferência e verificação de que a verdadeira leitura se legitima, pois consentem no controle do que vai sendo lido, empenhando assim, tomada de decisões diante às dificuldades da compreensão.

O investigador Jorge Larrosa (2003), analisa que um texto pode ser um **prólogo**, como um esboço, no momento de sua produção, e **uma máscara mortuária** algum tempo depois, pois a intenção já não existe, encontra-se ausente. Quando o texto se apresenta assim, têm-se duas formas de compreensão: através da **leitura e da formação**, ou, **a leitura como formação e a formação como leitura**; interpretá-la consoante formação é extrair a ideia da relação com a subjetividade do leitor:

Se trata de pensar la lectura como algo que nos forma (o nos de-forma e nos transforma) como algo que nos constituye e nos pone em cuestión em aquello que somos. La lectura, por tanto, no es sólo um pasatiempo, um mecanismo de evasión del mundo real y del yo real. Y no se reduce tampoco a um médio para adquirir conocimientos. Em el primer caso, la lectura no nos afeta em lo próprio puesto que transcurre em um espacio-tiempo separado: em el ócio, o

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

em el instante que precede al sueño, o en el mundo de la imaginación. Pero ni el ócio ni el sueño ni lo imaginário se mezclan com la subjetividade que rige em la realidade puesto que la “realidade” moderna, lo que nosotros entendemos por “real”, se define justamente como el mundo sensato y diurno del trabajo y de la vida social. Pero esto no siempre há sido así. (LARROSA, 2003, p. 25 e 26)²

A pesquisadora Regina Zilberman (1999) alude ao tema **Leitura do texto**, de que **ele** (personificação da palavra através do pronome), depende da disposição e disponibilidade do leitor em agregar, no todo, os aspectos que são oferecidos, aparecendo uma sequência de imagens e acontecimentos que concluem e se unem na constituição do significado da obra. O sentido propriamente dito, será efetivado na imaginação do leitor, após a absorção das variadas perspectivas do texto, fechando as lacunas de indeterminação e aludindo-se a ficção, crítica e analiticamente:

[...] ao ler, o leitor ocupa-se efetivamente com os pensamentos de outro, como advertia Schopenhauer. Mas essa experiência – a de substituir a própria subjetividade por outra – é única: o indivíduo abandona temporariamente sua própria disposição e preocupa-se com algo que até então não experimentara. Traz para o primeiro plano algo diferente dele, momento em que vivencia a alteridade como se fosse ele mesmo; entretanto, as orientações do real não desaparecem, e sim formam um pano de fundo contra o qual os pensamentos dominantes do texto assumem certo sentido. Também por esse lado a relação entre os dois sujeitos – o leitor e o texto – é dialógica. (ZILBERMAN, 1999, p. 84)

As diferenças reais alocadas ao paradigma existente nos tempos Pós-Modernos, elevam a mudanças radicais na educação, inexistente ou não, visíveis no Brasil: “Elas refletem sobre a leitura, seja de ficção ou não-ficção, pelos diversos públicos que constituem as sociedades multiculturais de hoje” (BORDINI, 2016, p. 191).

² Trata-se de pensar a leitura como algo que nos forma (ou nos deforma e nos transforma), como algo que nos constitui e nos coloca em questão, naquilo que somos. A leitura, portanto, não é apenas um passatempo, um mecanismo de evasão do mundo real e do eu real. E não se reduz nem a um meio para adquirir conhecimentos. Em primeiro lugar, a leitura não nos afeta no próprio lugar que transcorre, em um espaço-tempo separado: em o lazer, ou em o instante que precede o sono, ou no mundo da imaginação. Mas nem lazer, nem o sonho, nem o imaginário se misturam com a subjetividade que rege a realidade, pois a “realidade” moderna, o que entendemos por real, se define justamente como o mundo sensível e diurno do trabalho e da vida social. Mas isto nem sempre tem sido assim. (LARROSA, 2003, p. 25 e 26)

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

2. UBIQUIDADE: RELAÇÃO COM OS NOVOS ESTATUTOS DE LEITURA

O termo **ubiquidade** classifica-se como um substantivo feminino, **quem Teologia**, colocado socialmente, para transmitir a ideia da **onipresença**, ou seja, o que está ao mesmo tempo em toda parte. Exemplo posto pela religiosidade é a de que **Deus** é considerado **ubíquo**, por lhe ser imputado o dom de estar presente em toda parte ao mesmo tempo. Concomitante aos sentidos interpretados, o vocábulo **ubíquo**, no estudo morfológico, é um adjetivo, derivado do latim **ubique**, que significa estar em toda parte ao mesmo tempo.

Já o **ubiquismo**, é uma **seita luterana**, segundo a qual, o **corpo de Cristo** está presente na Eucaristia, não por efeito da transubstanciação - junção de duas palavras latinas: *trans* (além) e *substantia* (substância), com o significado da mudança da substância do pão e do vinho na substância do Corpo e sangue de Jesus Cristo no ato da consagração, creem na presença real mas não na transubstanciação – mas, porque Jesus está presente em toda parte.

O indivíduo que parece estar em vários lugares ao mesmo tempo, visto como a pessoa que se dá bem em toda parte, é rotulado como o **Ubiquista**.

A leitura ou o ato de ler, propriamente dito, se apresenta em vários locais e situações de vida, refletindo então, a **ubiquidade**: estar presente, ao mesmo tempo, em todos os lugares, colocando em ação, ao sujeito leitor, sua competência linguística, como também, sua leitura de mundo.

As redes de transmissão de dados e as tecnologias de informação e comunicação podem ser consideradas **ubíquas**. Na atualidade, os sinais de internet, televisão e comunicações móveis estão disseminados por toda a parte, e se encontram disponíveis a todo o momento, desenvolvendo a ação da leitura, propriamente, em múltiplos gêneros.

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

3. FAMÍLIA E ESCOLA: AGENTES INCONDICIONAIS DO PROCESSO LITERÁRIO

A aliança **família** é a “**miniatura** da sociedade idealizada pela burguesia, pois contrapõe à força da ideologia que a sustenta a fragilidade de seu poder político. Seu âmbito de atuação é privado, ficando a esfera pública por conta e risco da economia de mercado”, as autoras Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1996) dissertam.

Consistindo no espaço que lhe é proposto, **a família** torna-se uma **entidade política**, que se particulariza por sua **despolíticação**, não deixando de constituir-se como elemento principal da sociedade moderna, pois a **valorização da vida doméstica** brotou da **desmontagem** de outras forças, suscetíveis em provocar o **poder maior da burguesia** e do tipo de Estado, **despersonalizado** e longínquo, por ela estabelecido.

Com a prosperidade do surgimento do **indivíduo leitor**, consoante a descrição de Lajolo e Zilberman (1996), o intento se realizou: haviam **clientes leitores**, com competência para o exercício da leitura; com isso, a escola teve seu papel fundamental: florescer leitores, desenvolvê-los, ensiná-los o percurso para um olhar a vida diferente, por outros ângulos, juntamente com a família, que por sua vez, foi alvo de valorização permanente, onde reuniam-se em grupos, por vínculos familiares, prevalecendo então, socialmente, a classe da elite, a qual, foi desempenhando o seu papel como dominadora política e econômica.

Para pôr fim, definitivamente, ao regime absolutista, que estava representado pelas revoluções dos séculos XVIII e XIX, e permutá-lo pela democracia e o liberalismo, o padrão de Estado foi benéfico. Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1996) evidenciam, com alguns pensamentos reais e consistentes, direcionados ao papel fundamental da família:

- Enquanto instituição, a família é imprescindível ao projeto burguês, por constituir simultaneamente unidade e fragmento. Unidade porque apresenta laços internos e sólidos, sustentados pela ideologia familista,

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

que mitifica a maternidade, destaca o amor filial, invoca deveres entre pais e filhos e sublinha o afeto entre seus membros; fragmento, por resultar da desagregação dos grandes grupos a que outrora se integrou. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1996, p. 15 e 16)

É no interior desse modelo moderno de **família** que se intensifica o gosto pela leitura, por consistir em atividade adequada ao contexto de privacidade, próprio à vida doméstica.

Referências

AGUIAR, Vera Teixeira de. Notas para uma psicossociologia da leitura. In: TURCHI, Maria Zaira; SILVA, Vera Maria Tietzmann (Orgs). *Leitor formado, leitor em formação: a leitura literária em questão*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis, SP: ANEP, 2006, p. 34-39.

BORDINI, Maria da Glória. Leitura no século XXI: o meio substitui a mente? In: RÖSING, Tania; ZILBERMAN, Regina (Orgs). *Leitura: história e ensino*. Porto Alegre/RS: Edelbra, 2016.

CHARTIER, Roger. *A Aventura do Livro – do leitor ao navegador*. São Paulo: Unesp, 2009.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A Formação da Leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

LARROSA, Jorge. *La experiencia de la lectura*. Estudios sobre literatura y formación. México: FCE, 2003.

ZILBERMAN, Regina. Leitura literária e outras leituras. In: BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira (Orgs). *Leitura: práticas, impressos, letramentos*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.